

RELATORIO APRESENTADO A ABAASSOCIACAO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

Assunte: Conflitos registrados entre indios Ticunas e a Policia Militar do Estado do Amazonas, em Benjamin Constant, na madrugada de 18-02-1985.

1. Os incidentes ocorridos em Benjamin Constant só podem ser compreendidos se forem enquadrados no contexto atual das relações interétnicas entre o povo Ticuna e os diferentes setores da sociedade nacional representados no Alto Solimões. No passado o território habitado por esses indios foi quase inteiramente apropriado pelos patroes seringalistas, passando os Ticuna a viver na condição de freguezes dentro dos seringais aí instalados, sobre eles sendo aplicados com extremo rigor os mecanismos de dominação usuais na empresa extrativista de borracha (o monopólio comercial imposto pelo barracão, o sistema de pagamento no troco com a inexistência de dinheiro, o uso de castigos corporais e coerções diversas para todos que infringissea o regulamento do seringal) (vide Nimuendaju, 1929, 1952; Cardoso de Oliveira, 1964, 1972, 1978 e 1981; Oliveira Filho, 1977 e 1984). Com a crise dessa atividade econômica (crise que se acentua a partir da década de 50) e posteriormente com a intensificação da atuação da FUNAI na região estabelecendo 7 Postos Indígenas durante a década de 70, a grande maioria dos ocupantes não-índios foi lentamente abandonando esse território seja permanecendo como proprietários absenteísta, seja promovendo sortidas esporádicas para a extração de madeira (nos altos igarapês) ou mantendo a prática da pesca (comercial e de subsistência) nos lagos aí localizados. Mais recentemente alguns colombianos e brasileiros (esses ligados a políticos e madeireiros de Benjamin Constant) tem sido acusados pelos indios de manter extensas plantações de coca dentro do

território por eles pleiteado como área indígena.

2. A partir de 1980 lideranças de diversas aldeias Ticuna tem se reunido para discutir os limites de seu território e debater as formas de encaminhamento junto à FUNAI de sua reivindicação pela demarcação das terras que habitam. Em 1982 e 1984 estiveram na região Grupos de Trabalho da FUNAI para identificação daquelas áreas indígenas, formulando no entanto duas propostas diferentes. Em setembro último (1984) a FUNAI constituiu um Grupo de Estudo para avaliar aquelas propostas e fornecer recomendações conclusivas sobre as áreas a serem demarcadas e as prioridades da ação assistencial a ser ali desenvolvida pelo órgão tutor. Em outubro/novembro foram recolhidos os últimos dados necessários, completando-se no campo a definição final dos limites e o levantamento dos ocupantes não-índios encontrados dentro dessa área, sendo estimado ainda o montante correspondente de indenizações a serem pagas pela FUNAI. A proposta a ser encaminhada pela FUNAI ao Grupo de Trabalho Interministerial (do qual participam também representantes do MINTER e do MEAF) criado pelo Decreto nº 88.118, de 23-02-83, encontra-se em fase final de redação, sendo prevista para março a sua apresentação àquela instância decisória.

3. Em decorrência desses fatos criou-se na área uma grande expectativa quanto a futura demarcação das áreas indígenas, acirrando-se o antagonismo entre brancos e índios (especialmente entre, de um lado, madeireiros e pescadores, e de outro, algumas comunidades Ticuna mais fortemente visadas por essas atividades). Os índios procuram desde já defender os limites de seu território, impedindo a fixação de novos elementos brancos e proibindo a entrada de quaisquer tipos de extratores. Os brancos argumentam que a situação daquelas terras ainda não está definida e portanto continuam a nelas penetrar, intensificando uma atividade predatória com a derrubada de madeiras de qualidade, com o arrombamento dos lagos, o uso de

redes de malhas muito finas e outros tipos nocivos de pesca comercial. Isso tem gerado interesses e expectativas radicalmente opostos por parte de índios e regionais, o que tem resultado em diversos choques (vide Aconteceu Especial - Povos Indígenas no Brasil, 1982 e 1983). Ainda recentemente, índios da aldeia de Urique apreenderam 250 toras de madeira e 60 kg de peixe dos invasores de suas terras. Em uma dessas oportunidades uma patrulha da PM esteve no local pretendendo a liberação da madeira cortada pelos brancos, ocorrendo uma briga com os Ticuna moradores da área. Não foram utilizadas armas por qualquer dos lados, mas alguns soldados retornaram machucados (embora com ferimentos leves).

4. Em atendimento a um convite feito por líderes indígenas, o Presidente da FUNAI, Nelson Marabuto, visitou o Alto Solimões nos dias 16 e 17 de fevereiro de 1985. Na manhã de domingo, dia 17, foi realizada uma grande reunião na aldeia de Umariáçu, contando com a participação de capitães e professores índios de mais de 30 comunidades, sendo apresentadas ao Presidente da FUNAI as principais reivindicações desse grupo étnico quanto à demarcação de suas terras e ao exercício de uma assistência mais permanente e sistemática. Em resposta, a FUNAI prometeu criar imediatamente uma Ajudância do Solimões, a ser sediada em Tabatinga, exclusiva para tratar de assuntos relativos aos Ticuna, mantendo programas setoriais de saúde e educação. Para essas atividades a FUNAI propõe-se a constituir uma equipe de alto nível, sob a orientação do Assessor André Villas-Bôas e do antropólogo João Pacheco de Oliveira. A FUNAI comprometeu-se a lutar pela aprovação mais rápida possível das áreas reivindicadas pelos Ticunas. A reunião encerrou-se em clima de grande harmonia, as lideranças voltando à suas aldeias muito satisfeitas com o contato direto com o responsável máximo pela FUNAI (nunca anteriormente um Presidente da FUNAI estivera na área) e com os planos de atuação ali exibidos.

5. Um dos barcos em que retornavam às aldeias os índios saídos da reunião, o Marubo, com cerca de 85 índios das aldeias de Urique, Cajari, Vendeval e Santa Clara, parou para pernoitar na cidade de Benjamin Constant devido a falta de holofote, necessário para viagem noturna. Por volta de meia-noite dois índios, Paulo Mendes e Tertuliano, que estavam cantando, dançando e bebendo, festejando carnaval em uma das principais esquinas da cidade, foram rispidamente abordados por tres PMS que faziam a ronda. Os policiais resolveram conduzir preso um deles (Paulo). Um dos PMS porem logo o identificou como um dos seus agressores quando estivera em Urique para liberar a madeira retida pelos índios (vide item 3 desse relatório). Segundo o depoimento dos índios, os policiais passaram então a proceder com violencia, acertando uma estocada com cassetete em seu fígado e derrubando-o com socos e pontapés. O outro índio tentou interferir, mas foi igualmente derrubado com um forte golpe de cassetete nas costas (do qual lhe ficou um hematoma típico, exibido no dia seguinte ao próprio Presidente da FUNAI, em reunião havida em Tabatinga). Outros índios que estavam nas proximidades interferiram e nesse momento foi espancado o índio Aristides, deixado inconsciente e com a cabeça aberta por golpes de cassetete. A confusão atraiu a atenção geral, aí intervindo outros índios que passeavam pela cidade. Em inferioridade numérica, os policiais sacaram de suas armas, alegando contudo terem dados apenas tiros de advertência (segundo eles próprios, tiros para o chão, e não tiros para o alto, como é de praxe nessas circunstâncias). Um índio, Pedro Mendes, de Urique, foi ferido na perna por uma dessas balas. Por fim os índios dominaram a situação, saindo os tres PMS bastante feridos, um na cabeça (provavelmente por pau ou pedra), outro no rosto (com um talho superficial, possivelmente produzido por canivete), e um terceiro no abdomen (com diversos cortes, certamente feito pelo mesmo objeto já referido). Findo o entrevenero, os índios se retiraram para o barco, carregando os seus companheiros feridos, lá permanecendo cerca de uma hora aguardando a chegada de um funcionário da FUNAI, encarregado de dirigir aquela embarcação. Durante esse tempo outros

policiais misturados a alguns regionais ocuparam-se em apedrejar o barco Marubo, gritando insultos e zombarias, enquanto outros barcos igualmente ancorados no porto fixavam no Marubo os seus holofotes no Marubo para favorecer a pontaria da turba ali reunida. Os índios permaneceram dentro do barco, não respondendo às provocações.

6. Com a chegada do funcionário da FUNAI, sr. Marreta, o barco dirigiu-se para o porto do Hospital de Benjamin Constant. Alertados para isso, os policiais deslocaram-se por terra para o Hospital e ali puzeram-se de tocaia. Quando os índios saíram do barranco e aproximaram-se da entrada do Hospital carregando os parentes feridos, foram recebidos à bala pelos 3 PMs escondidos nas imediações, dois deles embaixo de um caminhão estacionado próximo, o terceiro atrás de um monte de tábuas empilhadas em uma construção próxima. Na frente seguiam tres pessoas carregando o índio Aristides, respectivamente o funcionário da FUNAI e os índios Paulo Mendes e Juvenal (da aldeia do Cajari). Desse confronto resultaram cinco Ticunas feridos à bala por disparos de revólver calibre 38, inclusive alguns rapazes menores (um dos índios alvejados tem apenas 14 anos e no cortejo haviam também mulheres, velhos e crianças). O caso mais grave é o do Ticuna Juvenal, que recebeu tres balaços na clavícula, no abdomen e um último acima dos quadris (denotando portanto que ele, ferido, estava em fuga, e que o autor do disparo não tinha intenção meramente defensiva). Um dos disparos alojou-se no pulmão, inspirando sérios cuidados médicos. Os policiais continuaram a atirar até esgotar toda a sua munição, quando então debandaram perseguidos pelos índios enfurecidos, que nesse instante agrediram a esposa e a filha do citado funcionário (as quais, afirmam os índios, teriam instigado a PM a abrir fogo contra eles). Em seguida os índios deixaram os seus feridos no Hospital, ali permanecendo apenas Paulo Mendes para fornecer os dados referentes a cada um, todos os restantes retornando ao barco Marubo.

7. Entre esses dois incidentes, o delegado de Benjamin Constant, um sub-tenente licenciado da PM, solicitou reforços a PM de Tabatinga, alegando que os Ticuna estavam ameaçando ocupar e destruir o Hospital. Oito policiais foram então enviados às pressas a Benjamin Constant, sendo transportados em uma lancha de 115 HP pertencente e pilotada pelo sr. Oséas Martins (que, de acordo com informações procedentes da Polícia Federal da área, é elemento notoriamente vinculado ao tráfico de cocaína). Ali chegando, armados de revólveres e mosquetões, encontraram dois funcionários da FUNAI, srs. Washington e Helio, respectivamente chefes dos P.is. Campo Alegre e Belem do Solimões, que, acompanhados por Paulo Mendes (que haviam encontrado anteriormente no Hospital) buscavam localizar se haviam outros índios feridos circulando pela cidade. Esses policiais iniciaram imediatamente nova agressão ao Ticuna e, ao tentar interferir, os funcionários da FUNAI foram ameaçados fisicamente e insultados, o primeiro conseguindo esquivar-se de um golpe com o cabo do mosquetão, o segundo pulando pelo barranco para esconder-se na vegetação próxima ao rio. O índio foi conduzido preso à Delegacia local.

8. A FUNAI foi informada dos acontecimentos através do Cap. Mauro, do Comando Militar de Tabatinga. Devido a uma pane no avião que o conduziria a Manaus, o Presidente da FUNAI e seus acompanhantes ainda permaneciam na região, hospedados em Tabatinga. Seguiram então para Benjamin Constant, na lancha da Capitania dos Portos, tres funcionários da FUNAI (Lucio Acosta, chefe da 1ª D.R., com sede em Manaus; André Villas-Bôas, indigenista que coordena a atuação da FUNAI na area Ticuna; e João Silvério Dias, chefe da AJUSOL, sediada em Atalaia do Norte), o antropólogo João Pacheco de Oliveira e quatro elementos da Polícia Federal. Chegando à cidade por volta de duas horas da madrugada, esse grupo pode perceber o clima de ódio criado contra os índios e os funcionários da FUNAI. Diversos grupos de pessoas à paisana, ostensivamente armados com revólveres e espingardas, percorriam as ruas. Segundo uma versão ouvida de moradores de Benjamin Constant, no dia seguinte, tais pessoas teriam sido convocadas

pelo proprio Delegado de Policia, para atuar como uma força paralela e auxiliar). Ao aproximar-se do Hospital foi vista uma patrulha da PM, armada de mosquetão, revolveres e cassetetes, escoltando, algemado, para a Delegacia um jovem Ticuna encontrado nas imediações, isso após já haver sido antes submetido a outras violencias e humilhações. Ajudados pela Policia Federal os funcionários da FUNAI conseguiram libertar esse rapaz. Depois de providenciar a remoção para o Hospital de Tabatinga dos doentes mais graves, esse grupo dirigiu-se à Delegacia onde encontrou o índio Paulo Mendes estirado em um cubículo imundo, sem qualquer iluminação ou ventilação, com sintomas evidentes de dor e bastante dificuldade para conseguir erguer-se e caminhar. Apesar disso o Delegado negou ter sido cometida qualquer violencia contra aquele Ticuna. A exaltação dos ânimos era patente, em frente à Delegacia permanecendo um grupo de civis armados. Já às 5 horas da manhã, com todos os feridos (índios e soldados) tendo sido removidos para o Hospital de Tabatinga, que apresentava melhores condições de atendimento, alguns elementos da PM mantinham-se em prontidão próximo ao Hospital. Quando o antropólogo e dois funcionários da FUNAI dirigiram-se ao barranco para saber se havia mais algum índio ferido, o capitão-geral dos Ticuna, Pedro Inácio, subiu para relatar àquelas pessoas os acontecimentos. Nessa ocasião PMs postaram-se em linha de tiro, colocando bala na agulha de suas armas, afastando-se do local apenas devido à cobertura dada pela Policia Federal.

9. No dia seguinte os oito índios feridos tiveram seu atendimento médico completado no Hospital de Tabatinga e, com exceção de Juvenal, tiveram alta para fazer sua recuperação em casa, acompanhados por atendentes de enfermagem deslocados pela FUNAI para as aldeias de onde provinham. No final da tarde Juvenal foi operado com bastante sucesso, os médicos classificando como muito boa a sua recuperação, pois se tratava de caso extremamente delicada. Apesar disso permanecia com uma sonda no pulmão, para retirar o sangue que lhe impedia respirar normalmente.

10. A situação de enfrentamento entre a PM e os Ticuna (em especial algumas aldeias e suas lideranças) é extremamente grave e está a pedir providências urgentes de todas as autoridades responsáveis. Os incidentes descritos envolveram a totalidade (6) do contingente policial de Benjamin Constant, tres deles saindo feridos no primeiro embate, os tres restantes tendo alvejado diretamente e por vingança os índios (pelos quais foram identificados). O próprio Delegado procedeu de modo destemperado, no mínimo aceitando que a população se armasse para agir sem qualquer obediência à lei, tendo ademais infringido outros dispositivos legais ao encarcerar um índio. A rivalidade parece se estender também, ainda quem menor escala, ao contingente da PM sediado em Tabatinga, dos quais alguns membros continuaram a hostilizar os índios no cais da Portobrás, enquanto um outro soldado postou-se do lado de fora do Hospital de Tabatinga, proferindo ameaças contra os Ticuna que lá se encontravam.

11. A realização de um inquérito policial de rotina nessas circunstâncias é inteiramente inócuo e deformadora da verdade: para a PM local e o Delegado os fatos já estavam bastante claros naquela noite, sendo fácil recolher inúmeros depoimentos de seu corpo de voluntários de modo a comprovar sua versão oficial. Os Ticuna estariam embriagados, promovendo desordens na cidade; ao serem abordados pelos policiais, os atacaram com armas brancas e tomaram o revolver de um dos PMs; dirigiram-se para o Hospital no intuito de matar os policiais que já lá estavam feridos; a intervenção da PM no segundo choque teria visado apenas proteger o Hospital e impedir que os índios fossem "linchados por populares justamente exaltados" com os acontecimentos. Esse desdobramento do caso foi confirmado pela versão divulgada em Manaus, no dia 20, pelo Major Orleison, porta-voz do Comando da PM do Estado do Amazonas (vide JB, 21-02-85, pg. 4). As suas afirmações são inteiramente improcedentes: a) os índios não estavam "armados de terçados, facas e espingardas", não trazendo consigo qualquer espécie de arma (no máximo um canivete) pois vinham de uma reunião com o

Presidente da FUNAI; b) ainda que alguns deles houvessem bebido, os índios não estavam embriagados, pois disso não se encontrou qualquer sintoma quando com eles se conversou menos de duas horas depois; c) a tentativa de culpabilizar um índio (dito "aculturado") como responsável por promover "verdadeira baderna pública", corresponde plenamente à tática adotada pelas autoridades locais, caracterizando os índios e comunidades mais agressivas na defesa de seu território como "não-índios" e "agitadores" (vide carta-denúncia do índio Pedro Mendes, um dos feridos no confronto, colocada em Anexo, pois indica claramente as acusações de que são vítimas tais lideranças). O índio citado pela PM é um legítimo Ticuna, filho de um extenso ramo da família Mendes e do clã do avai, casado com uma índia Ticuna e morador da aldeia de Urique. A acusação de ser "aculturado" procede de interesses espúrios, que querem caracterizá-lo como não-índio devido às denúncias que vem realizando em jornais, e às autoridades e à FUNAI sobre a invasão de áreas de pesca situadas em território indígena, bem como por sua função de articulador no movimento de lideranças Ticuna pela demarcação de suas terras.

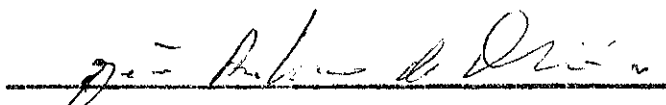
12. A FUNAI solicitou a Superintendência da Polícia Federal, sediada em Manaus, que abrisse inquérito para apurar responsabilidades no caso, para isso sendo enviado à Área um Delegado da DPF, especialmente para proceder à essa investigação. As expectativas do órgão são de que esse inquérito, se conduzido com isenção e competência, possa enquadrar alguns elementos da PM na prática de delitos graves (como a tentativa de homicídio, com o agravante de premeditação), passíveis portanto de expulsão da corporação e de outras punições legais. A FUNAI acredita que o inquérito realizado pela Polícia Federal possa chegar assim à conclusões efetivas, punindo alguns culpados a título de exemplo e aconselhando as autoridades competentes o remanejamento do contingente policial, de modo a esfriar o clima de revanche já formado na PM de Benjamin Constant e mesmo de Tabatinga.

13. A meu ver existe ainda necessidade de mobilização de outras instituições e forças sociais na resolução desse caso, pois é muito forte o clima de beligerância entre a PM local e os índios, não se devendo excluir a hipótese de emissão ou convivência de outras autoridades estaduais.

a) parece-me importante não abandonar a via jurídica normal, solicitando a um advogado penalista um parecer sobre o encaminhamento e as possibilidades de abertura de processo contra a PM local. Para a condução desse embate legal para a punição dos culpados, creio ser necessária a mobilização da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que participa do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, que poderia aí pressionar o Ministério da Justiça, a Polícia Estadual e a própria Polícia Federal quanto ao correto encaminhamento das averiguações. Por sua vez, caberia à Comissão de Direitos Humanos da OAB designar um representante para acompanhar o desdobramento do processo, buscando assim resguardar a lisura dos procedimentos jurídicos e a imparcialidade das autoridades.

b) o presente relatório poderia ser encaminhado pela ABA às forças políticas de âmbito nacional e estadual, solicitando a parlamentares, dirigentes partidários, entidades científicas ou indigenistas, bem como membros destacadas da hierarquia estatal ou religiosa (C.N.B.B.), que se posicionem publicamente e exerçam pressão no sentido de controlar o clima de violência e revanchismo criado no Alto Solimões pela PM de Benjamin Constant e Tabatinga, insuflado por madeireiros, traficantes e por regionais interessados na pesca na área a ser demarcada para os Ticuna. Isso exige de imediato o remanejamento dos quadros atuais dessa corporação na região, reformulando as suas técnicas de atuação, elevando o nível de seus quadros e garantindo a rigorosa apuração de responsabilidades.

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1985.


João Pacheco de Oliveira
Museu Nacional - UFRJ

Urucui, 25 de Janeiro de 1985
Notícias dos Magiã, que é o povo
Tikuna, do ato solitário:

Os seguintes fatos ocorreram na
área de Urucui, foi:

12 Tikunas partiram-se para
fazer a fiscalização dos limites da sua
área que divide o Tavarari dos civili-
zados com Urucui do Tikuna.

Este grupo de 12 pessoas, fez uma
isto - paradas, se encontrava um
elemento, do serviço militar, cha-
mado EB. Rodrigues, que entrou
sem permissão, do capitão da área,
para pescar, numa das lagoas,
que fica dentro da área da re-
serva indígena de Urucui, para
ir pescar com seus atencilios de
pescar. O tal falou que, ninguém
impedava, a entrada dele neste lago
e disse, que todo o Tikuna que
aparecesse, para corrigir a situação
lá:

2^o - 1^a

Na ocasião que os 12 Tiekona chegaram na viagem do lago chamado (lago da menina) não encontraram, o tal chuveiro.

E foram seguidos até o fim do psiqui do limite, e ao chegar numa curta port; encontraram uma caçupa feita pelos civilizados dentro da área; de uma madeira chamado jacareta com 12 metros de comprimento, e esta caçupa foi levada para a comunidade do Socambu. e lá ficou.

Mais no dia seguinte que foi no dia 13 os civilizados foram buscar a caçupa, amarrando, os Tiekona, com bolas, e parados; e opde no momento falou, um dos civilizados. dizendo, que os Tiekona são uma raça de comunista, tomam os coisas na base da comunismo.

3-F

13

É a Funai com Polícia Federal,
 daí aprai, porque a FUNAI com
 a P.F. só viram a pasta de resbo
 e são os mais rápidos que tem.
 é por isso que eles fogem isto.

Esta nota foi tomada no dia
 12.1.85 na hora que aconteceu
 o caso. por:

Pedro Paulo Cabral

Brasília 25 de Janeiro de 1985.

P. Cabral

Uiqui, 25 de Janeiro de 1985
 Notícias dos Magita, que é o povo
 Ticuna, do alto. solimões:

Os seguintes fatos ocorreram na
 área de Uiqui, foi:

12 Tikunas partirão-se para
 fazer a fiscalização dos limites da sua
 área que divide o Tavaré das civili- le
 zades com Uiqui do Tikuna.

Este grupo de 12. pessoas, fez com
 isto, para ver, se encontrava um
 elemento, do serviço militar, cha-
 mado EB. Rodrigues, que entrou
 sem permissão, do capitão da área,
 para pescar, num dos lagos,
 que fica dentro da área da re-
 serva indígena de Uiqui, para
 ir pescar com seus atencilios de
 pesca. O tal falou que, ninguém
 importava, a entrada de lá neste lago
 e disse, que todo o Ticuna que
 aparecer-se, para corrigir a lenitua
 da lá.

2º - 1

Na ocasião que os 12 TIKONA chegaram na imagem do lago chamado (lago da menina) não encontraram, o tal. chucup.

E foram seguidos até o fim do psiqui do limít, e ao chegar numa certa parte, encontraram uma caçaria feita pelos civilizados dentro da grua; de uma malha chamada jacareíba com 12 metros de comprimento, e esta caçaria foi levada para a comunidade do Sacambú. e lá ficou.

Mais no dia seguinte que foi no dia 13 os civilizados foram, buscar a caçaria, amarrada, os tikona, com bolas, e porrados; A onde no momento falou um dos civilizados. dizendo, que os Tikonas são uma raça de comunista, tomam os coisas na base da comunismo.

É a Funai com Polícia Federal,
 daí apois, porque a FUNAI com
 a P.F. só atira na cabeça de rato
 e são os mais ladrões que tem
 e porisso que eles fogem isto.

Esta nota foi tomada no dia
 12-1-85 na hora que acontecia
 o caso. por:

Paulo Raul Cabral

Ulqui 25 de Janeiro de 1985.

Paulo Raul Cabral

Adendo ao relatório João:

Outros que não foi colocado, que a PM acha que o Aclutorado pode deixar de ser Indio. Mais eu Paulo Mendes sou Indio puro da nação de avai e tenho meu nome usado na Tribo (TSHEVERU rü Memaiçã) e sou casado com Tikuna da nação de Maguari e ela tem o nome usado na Tribo (Pütü - äna) e tenho filhas com ela, inclusive com o nome da nação.

E por isso não deixo ser Indio Tikuna, quem disser que Indio deixa de ser, é somente o indio mesmo mais não o Branco.

Assim do Conselho Geral da Tribo Tikuna

Paulo Mendes *Paulo Mendes*

MAGÜTA, nº 14, Umuçui, 27.03.85

As coisas que aconteceram depois da briga de B. Constant foi:

1ª vez P.M. chamou uma mulher tikuna que estava vendendo banana na feira, que ela não podia vender caro.

2ª vez houve uma briga entre brancos, e os brancos disseram que tinha sido os tikuna.

Mas na verdade foi o próprio que foi avisar a família que o matou, por causa de uma briga que eles tinham 3 anos atrás. Isso teria que ter uma investigação. Quem me informou esta briga foi um da própria comunidade de Tanaru, o criminoso é o filho do senhor DOCA conhecido assim, culpados outros é um crime também.

3ª vez a P.M. invadir o barco MUNAME de Campo Alegre para prender seis (6) pães de farinha, porque uma mulher que trabalha na feira tinha encontrado um pedaço de vidro na farinha, levou a questão para polícia, e por isso a P.M. levou 3 tikuna para a Delegacia junto 6 pães de farinha, e isso já foi encaminhado para Funai e a Funai não tomou providência.

Sobre o ~~vereador~~^{vidro} que dizem que tem na)

família e só uma mulher que encontra,
e os outros não encontra nada na Fa-
mília.

tudo isso é problema contra os Tikuna

trechos da carta - Paulo Mendes - Memãicui

P/ João Pacheco

Umariaçu, 14 de abril de
1985

Lista de invasores da area Ticuna

(extraída de documento de 15/7/84, tirado em assembléia ~~de~~ do Conselho Geral da Tribo Ticuna-CGTT)

- 1-Ditimar-merador de São Paulo de Olivença
- 2-Calistinho Calitro-merador de Santa Rita
- 3-Quintins Mafra-merador de São Paulo de Olivença
- 4>Lastimar Castelo Branco-merador de São Paulo de Olivença
- 5-Duquito Mafra- merador de São Paulo de Olivença
- 6-Beaventura Mafra (Mico) - merador de São Paulo de Olivença
- 7-Epitácio Mafra - merador de São Paulo de Olivença
- 8-Ricardo Henrique - merador de Campe Alegre
- 9-João Pengó - aldeia Feijeal
- 10-Delícia Mafra - meradora de São Paulo de Olivença
- 11-Magalhães (Viter)- merador de Benjamin Constant